

PINTO, António Guimarães; LOURENÇO, Miguel Rodrigues, *Cartas Anuas da Cochinchina (1619-1635)*, Lisboa/Macau, Centro Científico e Cultural de Macau/Universidade de Macau, 2023, 411 pp. ISBN: 978-972-8586-62-1.

A cooperação entre especialistas em estudos asiáticos e filólogos de latim e português clássico, mais do que pertinente, é necessária. O latinista António Guimarães Pinto tem-na reivindicado nos seus projetos de transcrição documental, designadamente nos relacionados com a história da Companhia de Jesus. Tornou a fazê-lo na obra que presentemente se examina, objetivando o seu próprio apelo ao surgir nela acompanhado por Miguel Rodrigues Lourenço, arguto excogitador das periferias orientais do império português no período moderno e de um dos eixos do que Francisco Bethencourt denominou a sua “nébula de poder”, a Igreja Católica<sup>1</sup>.

Motivada pela intenção de participar no suprimento de uma atribuída insuficiência no conhecimento histórico da ação portuguesa na Insulíndia e Sudeste Asiático, esta publicação dá a conhecer um conjunto documental jesuítico do século XVII ligado à atividade missionária na Cochinchina, porção meridional do atual Vietname. Nele avultam catorze cartas anuais, redigidas, onze delas em português e as restantes três em latim, pelas mãos de três jesuítas portugueses e um italiano.

Este género epistolográfico consistia em relatórios anuais provenientes dos mais variados espaços de intervenção da Companhia, nos quais se compendiam as condições e ocupações no terreno, que seriam destinados ao superior-geral da congregação, em Roma. No caso das anuais cochinchinas, elas assumem especial significância por desvendarem as dinâmicas apostólicas regionais e as exigências multiníveis do contexto asiático no qual a religião católica intentou ser implantada, não esquecendo o seu inerente valor literário.

Pinto e Lourenço juntam-se, com esta obra, a outros autores portugueses que na contemporaneidade fomentaram a publicação deste tipo de missivas,

---

<sup>1</sup> Bethencourt 2020: 209-210.

como Horácio P. Araújo, João Paulo Oliveira e Costa e Ana Fernandes Pinto, em edições relativas a Macau e ao interior da China<sup>2</sup>.

No volume em mãos, centrado na transcrição e anotação do referido acervo textual, os leitores beneficiam de uma adequada introdução, cujos apontamentos preliminares a respeito deste modelo epistolográfico, do território cochinchino e dos autores das fontes facilitam a imersão no conteúdo das mesmas. No seu término, dois apêndices documentais, com relação às matérias tratadas nas ânuas, e um sempre útil índice onomástico completam o livro.

Reportando-se ao período entre 1619 e 1635, as cartas ânuas transcritas logram aclarar a intervenção portuguesa, e de outros atores europeus, nas remotas paragens da Ásia. Desde logo, a partir delas se depreende a estreita ligação (e dependência) da atividade proselitista ao trato comercial que unia a Cochinchina a Macau e ao Japão. Uma associação que intentou, até, ser instrumentalizada pelos eclesiásticos nas conjunturas menos favoráveis à continuação da sua empresa.

Em concomitância, elas demonstram como a manutenção missionária e mercantil foi sustentada por visitas e oferendas aos soberanos locais, que hoje se titulariam diplomáticas, no sentido de obter o seu favorecimento. A própria fundação da “Cidade de Jesus e Maria”, estabelecimento macaense no território, derivou desses *courtly encounters*, na expressão utilizada por Sanjay Subrahmanyam<sup>3</sup>.

Noutro plano, os leitores destas epístolas ganham acesso privilegiado ao quotidiano da missão, entre os esforços de catequização e batismo da população nativa, a vivência das festividades litúrgicas e os movimentos de repressão do catolicismo, instaurados pelo poder local muito em virtude das resistências suscitadas pela inserção da religião no quadro espiritual autóctone. O excerto de uma carta do padre Gaspar Luís, correspondente ao primeiro apêndice desta obra (pp. 397-398), serve também de excelente testemunho das discordâncias procedimentais que a lida evangélica fez emergir entre os inicianos.

Esta coleção possui uma outra relevante valência, conquanto tenha passado despercebida nos comentários preambulares da obra. Ela testemunha, abundantemente, o papel ativo assumido pelos naturais, batizados e não batizados, no desenrolar da evangelização na Cochinchina. Inúmeros são

---

<sup>2</sup> Costa (dir.) e Pinto (transc.) 1999; Gouveia e Araújo (ed.) 1998.

<sup>3</sup> Subrahmanyam 2012.

os relatos da atuação de pregadoras e pregadores nativos, que contribuíram para disseminar a fé católica, de indivíduos que acolheram e movimentaram os padres pelas localidades e dos matizes da vida devocional de muitos convertidos, incluindo de japoneses que, deslocados pelo comércio, ali encontraram um contrapeso ao coetâneo rigor anticristão do seu arquipélago.

Indícios claros de que os atores europeus não foram os únicos protagonistas da tarefa missionária e de que, nas suas múltiplas facetas, a ação dos naturais os reveste de uma agência histórica que não deve ser descurada por uma historiografia que se pretenda rigorosa.

No que tange à estruturação do livro de Pinto e Lourenço, alguns aspetos deverão merecer reflexão. Por exemplo, não existe uma justificação explícita para se ter decidido concluir os traslados no ano de 1635, sobretudo quando o inventário do *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI), em Roma, de onde o trabalho de transcrição partiu, sugere a existência de cartas ânuas respeitantes à Cochinchina, pelo menos, até à década de 60 do século XVII. É provável que essa opção tenha sido tomada por 1635 ser a data da última carta ânuo conhecida do padre Gaspar Luís, jesuíta que fora objeto de estudo de ambos os autores em anteriores pesquisas.

Além disso, a exposição dos critérios de transcrição paleográfica, latina e portuguesa (pp. 42-43), é assaz lacónica, seguindo uma abordagem que, talvez tornada digerível para o público não especializado, corre o risco de não ser encomiada pelos mais exigentes leitores.

Por seu turno, a opção de elaborar uma breve lista com os nomes geográficos atualizados das regiões citadas nas cartas (p. 44) não se revela tão prática para a compreensão da sua localização quanto a apresentação de um mapa a elas alusivo o poderia ter sido.

De resto, este trabalho, fixando-se nas missivas originais conservadas no ARSI, não se preocupou em esclarecer a existência de exemplares noutros arquivos e bibliotecas. Numa nota de rodapé de duas linhas (p. 259), é feita menção à existência de traslados setecentistas das cartas ânuas da Cochinchina na Biblioteca da Ajuda (BA), em Lisboa. No entanto, essa referência é única em toda a obra, não se esboçando nenhum exame, ainda que breve, da coletânea. O que não pode deixar de gerar estranheza, para mais quando se constata que o fólio escolhido para figurar na capa da obra pertence à BA e não ao ARSI, sendo o mesmo que apareceria citado na dita nota de rodapé.

Por derradeiro, os autores não explicam por que razão, nos momentos em que a documentação preservada em Roma acabou sendo lacunar ou levantou dúvidas de leitura, não se procedeu, de maneira constante, ao

cotejamento com aquela depositada em Lisboa, no sentido de ultrapassar essas dificuldades.

Não obstante estas incertezas, *Cartas Ánuas da Cochinchina (1619-1635)* é uma obra de iniludível mérito, tornando acessível ao público em geral, num formato que prima pela sua qualidade filológica, um conjunto de fontes primárias de sobeja profundidade temática, inseridas no contexto maior dos contactos euro-asiáticos na Época Moderna.

### **Bibliografia**

- Bethencourt, F. (2020), “Configurações Políticas e Poderes Locais”, in F. Bethencourt; D. R. Curto (dirs.), *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*. Lisboa: Edições 70, 207–264.
- Costa, J. P. Oliveira e (dir.); Pinto, A. F. (transc.) (1999), *Cartas ánuas do colégio de Macau: 1594-1627*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; Fundação Macau.
- Gouveia, A. de & Araújo, H. P. (ed.) (1998), *Cartas Ánuas da China: 1636, 1643 a 1649*. Macau; Lisboa: Instituto Português do Oriente; Biblioteca Nacional.
- Subrahmanyam, S. (2012), *Courtly encounters: Translating Courtliness and Violence in Early Modern Eurasia*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press.

**GUILHERME MIGUEL MENDES DE SOUSA**

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Faculdade de Letras  
guisousa160@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-9408-1427>